

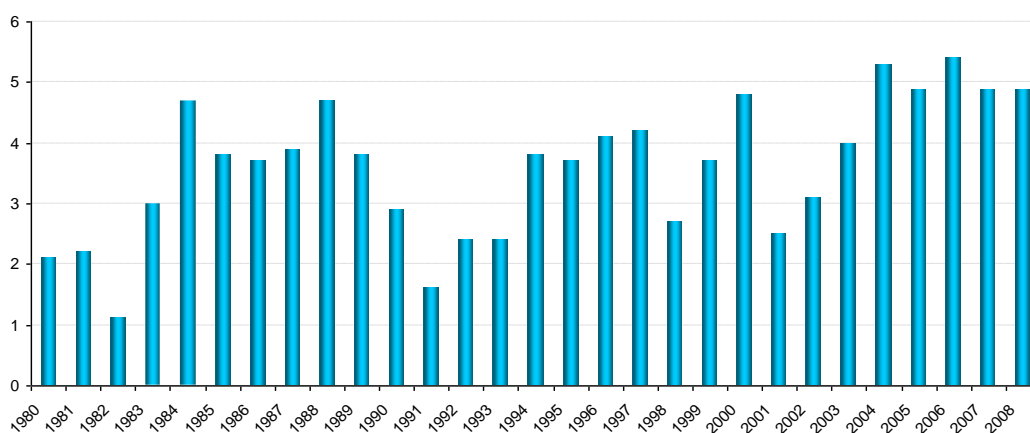
## Ambiente Econômico

Econ. Vanessa Rodrigues dos Santos Cardoso - DNPM/Sede

A economia mundial, que experimenta o período de maior crescimento de sua história, impulsionada pelo desempenho de países emergentes como China e Índia, cresceu 5,4% em 2006, segundo o Fundo Monetário Internacional – FMI. A taxa média de crescimento nos anos 80 foi de 3,3%, nos anos 90, 3,15% e de 2000 a 2006, a taxa média elevou-se para 4,3%. As previsões do FMI para os anos de 2007 e 2008 são de 4,9% de crescimento ao ano.

Em 2006, os Estados Unidos vivenciaram de um lado, uma forte desaceleração do mercado imobiliário e de outro, a queda dos preços do petróleo a partir de agosto, o que sustentou os gastos dos consumidores, fechando o ano com um crescimento de 3,3%. Na zona do Euro<sup>1</sup>, o crescimento atingiu 2,6%, o ritmo mais veloz dos últimos seis anos, sustentado pelo consumo doméstico. No Japão, a atividade econômica recuperou-se depois de um período mais fraco observado durante o ano, e fechou 2006 com crescimento de 2,2%. Os mercados emergentes tiveram seu crescimento encabeçado por China e Índia, com taxas de 10,7% e 9,2%<sup>2</sup>, respectivamente.

Gráfico 1 – Taxa anual de crescimento da economia global.



Fonte: Fundo Monetário Internacional. As taxas dos anos de 2007 e 2008 são previsões do FMI.

A economia brasileira beneficiou-se do desempenho global em 2006. De acordo com o Banco Central do Brasil<sup>3</sup>, a atividade econômica manteve-se em expansão ao longo do ano, em ambiente de estabilidade de preços, processo cuja consolidação é uma consequência da continuidade gradual da flexibilização da política monetária sobre o crédito, o que favorece as expectativas de crescimento sustentado da economia.

O Produto Interno Bruto (PIB) calculado com base na nova metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cresceu em 2006, 3,7%, alcançando R\$ 2.322,8 bilhões. Tal crescimento ocorreu de forma generalizada, tanto do lado da oferta quanto no lado da demanda e manteve o Brasil na posição de 10<sup>a</sup> economia do mundo, ampliando a distância da 11<sup>a</sup> colocada, a Coreia do Sul. Os setores produtivos, agropecuária, indústria e serviços cresceram 4,1%, 2,8% e 3,6%, respectivamente.

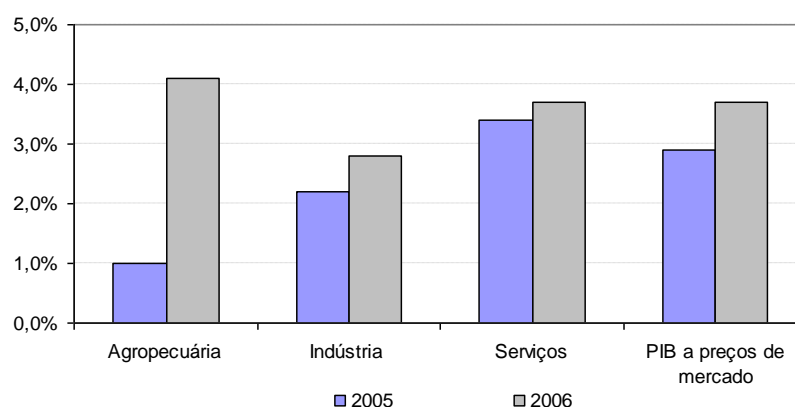
O crescimento do produto agropecuário em 4,1% refletiu, principalmente, a alta na safra de grãos que em 2005 foi de 112,6 milhões de toneladas, e em 2006 atingiu 116,6 milhões de toneladas, como consequência, sobretudo, das melhores condições climáticas. O desempenho da pecuária foi influenciado pela continuidade do crescimento tanto do consumo interno, quanto das exportações de bovinos. Já a indústria foi impulsionada principalmente pela extrativa mineral (6%) e pela construção civil (4,6%). O pior desempenho ficou com a indústria de transformação, que cresceu 1,6%. A maior elevação dentre os serviços ficou com as intermediações financeiras, seguros, previdência complementar e serviços relacionados, cujo crescimento foi de 6,1%, refletindo o aumento da oferta de crédito às pessoas físicas e o crédito imobiliário. O menor crescimento deste segmento foi o dos serviços de informação, com variação de 2,3% sobre 2005.

<sup>1</sup> A Zona do Euro é composta por treze países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Eslovênia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal.

<sup>2</sup> Estimativa do Fundo Monetário Internacional – FMI

<sup>3</sup> Relatório de Inflação, março de 2007

Gráfico 2 : Taxa de crescimento anual do PIB e dos setores produtivos



Fonte: IBGE. Elaboração: DNPM/DIDEM

A análise pela ótica da demanda indica o fortalecimento do mercado interno e revela aspectos favoráveis ao crescimento sustentado. Nesse contexto, o consumo das famílias cresceu 4,3%, impulsionado, segundo o IBGE, pela elevação de 5,6% da massa salarial real, que ocorreu devido ao comportamento favorável do pessoal ocupado (2,3%) e do rendimento real do trabalho efetivamente recebido (3,3%). Outro fator relevante foi o crescimento do saldo de operações de crédito do sistema financeiro com recursos livres para as pessoas físicas em 29,9% em termos nominais.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), influenciada principalmente pela construção civil e pela importação de máquinas e equipamentos, elevou-se em 8,7%, acima dos 3,6% verificados em 2005, mostrando-se mais expressiva em comparação ao desempenho do consumo das famílias e do governo, o que indica que o ritmo de crescimento da economia poderá ser maior em 2007. De acordo com estimativas do IPEA, uma mudança no perfil dos investimentos pode ser confirmada, dado que se em 1999, a participação da construção civil era de 73% e das máquinas e equipamentos, de 26,7%, em 2006 as participações estimadas são de 61,2% e 38,8%, respectivamente. As compras de máquinas e equipamentos e a valorização cambial favoreceram as importações, que cresceram 18,1% em relação a 2005, acima das exportações, que aumentaram 4,6% no mesmo período. Há que se destacar que, apesar do crescimento dos bens de capital importados, a participação dos equipamentos domésticos tem sido crescente.

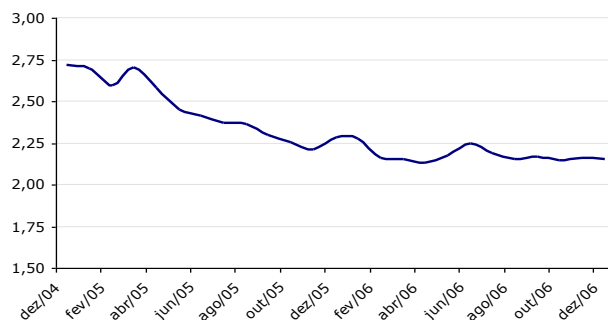
Segundo o IBGE, o IPCA, que reflete a variação dos preços da cesta de consumo de famílias com rendimento mensal entre 1 e 40 salários mínimos, acumulou variação de 3,14% em 2006, abaixo dos 5,69% verificados em 2005 e abaixo do centro da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Ainda segundo o IBGE, a redução da taxa refletiu a satisfatória oferta de produtos agrícolas, que possibilitou a estabilidade e até deflação dos preços dos alimentos; a influência do câmbio, que reduziu os preços de aparelhos de TV, som, informática e artigos de higiene; a contribuição dos preços administrados, com a redução das tarifas de telefonia fixa (-0,83%) e aumento de apenas 0,28% na energia elétrica. Além disso, o aumento de 2,3% dos combustíveis, em função do não aumento do preço da gasolina nas refinarias, também foi fator de contribuição. Dentre os itens que exerceram pressão inflacionária no último ano, o instituto destaca planos de saúde (12,30%), salários de empregados domésticos (10,73%), tarifas de ônibus urbanos (8,11%) e colégios (9%).

A autoridade monetária manteve a política de flexibilização dos juros, iniciada em setembro de 2005, efetuando oito cortes seguidos e reduzindo em 4,75% a taxa nominal, o que permitiu a taxa SELIC chegar em 13,25% ao ano no final de 2006. Já o juro real caiu 5,3% no período, indo de 14% no início do ano a 8,7% no fim de 2006, taxa que ainda é a mais alta do mundo.

Mesmo com as sucessivas intervenções do Banco Central no mercado de câmbio, a taxa Ptax<sup>4</sup> média de dezembro de 2006 foi de R\$/US\$ 2,15, apresentando variação negativa de 5,9% em relação à taxa média de dezembro de 2005, de R\$/US\$ 2,28. A forte entrada de recursos do exterior e o desempenho da balança comercial são as principais variáveis de explicação deste comportamento. Cabe ressaltar que o movimento de valorização do real ocorreu não somente em relação ao dólar americano, mas também diante de outras importantes moedas mundiais.

<sup>4</sup> Taxa média das operações no mercado interbancário ponderada pelo volume de transações

Gráfico 3: Evolução da taxa de câmbio (compra) média – Ptax – R\$ / US\$

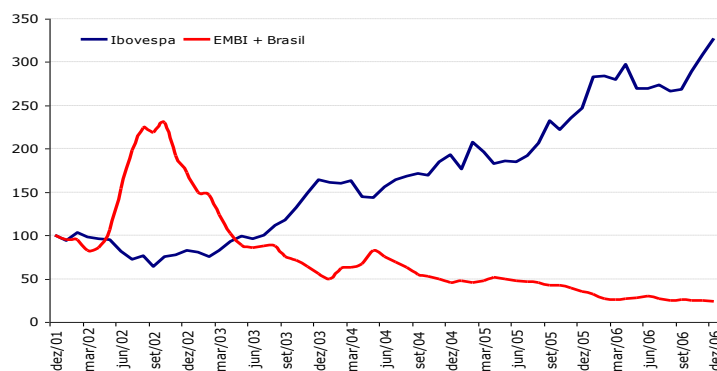


Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: DNPM/DIDEM

Incertezas relativas ao comportamento das curvas de juros dos países em desenvolvimento, uma crescente preocupação com o mercado de hipotecas de alto risco dos Estados Unidos e dos possíveis impactos de uma desaceleração econômica daquele país sobre o crescimento mundial, sobretudo dos países emergentes, produtores e exportadores de *commodities* foram os principais motivos da volatilidade ocorrida nos mercados financeiros em 2006, em função do comportamento dos agentes, de menor exposição ao risco. Não obstante, os mercados de renda variável continuaram atingindo picos históricos e a liquidez mundial permaneceu em abundância, com um forte fluxo de recursos direcionado aos países emergentes.

No Brasil, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo, fechou o quarto ano seguido de valorização, atingindo 44.471 pontos, o que representa uma alta de 33% sobre 2005, favorecido no ambiente internacional, pela melhor percepção de risco dos investidores e pela busca de diversificação, além do sentimento de desaceleração suave da economia dos Estados Unidos. Internamente, a melhora das variáveis macroeconômicas, tais como, redução dos juros, controle inflacionário, expansão do crédito e dos investimentos e melhor composição da dívida pública, por exemplo, foram fatores de influência no desempenho do mercado de capitais brasileiro. Desta forma, o *Emerging Markets Bond Index - Brasil (EMBI + Brasil)*, índice que reflete o comportamento dos títulos da dívida externa brasileira, calculado pelo Banco JP Morgan Chase e considerado capaz de medir a confiança dos investidores na economia brasileira, atingiu em dezembro de 2006, seu piso histórico: 192 pontos-base, o que significa uma menor percepção de risco nos ativos brasileiros.

Gráfico 4: Variação acumulada média do Ibovespa e do EMBI + Brasil Base 100: dezembro/2001



Fonte: IPEADATA. Elaboração: DNPM/DIDEM

## Economia Mineral

O ciclo econômico atual, provavelmente o mais longo da história, vem se refletindo de forma intensa no comportamento da demanda por minérios e metais. Entretanto, o ano de 2006 foi marcado pelo temor de desaquecimento da economia dos Estados Unidos e suas eventuais consequências para a economia global e, sobretudo, para o mercado de *commodities*, tendo em vista que aquele país responde por um terço do PIB mundial, além de ser o maior importador do mundo. Apesar disso, a elevação do consumo e o ritmo mais lento de crescimento da capacidade de oferta, bem como a continuidade da forte dinâmica da economia chinesa são fatores que têm favorecido a economia mineral mundial, com a manutenção dos preços das *commodities* acima das médias históricas, como retrata o LME, índice da London Metal Exchange, que compreende a evolução dos metais básicos (alumínio, cobre, níquel, zinco, estanho e chumbo). Cabe destacar, que os preços das *commodities* refletem também, além da demanda real, o excesso de liquidez mundial e a demanda financeira por esses ativos.

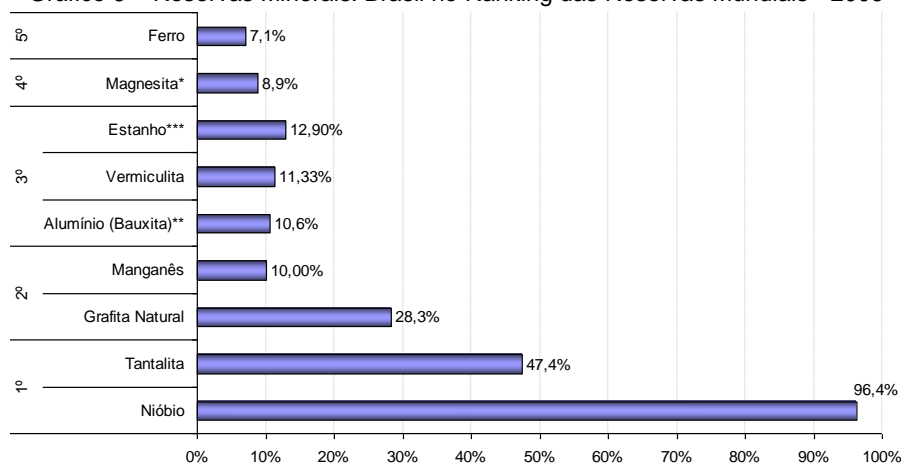
Gráfico 5 – Evolução do Índice LMEX - 2003 a 2006  
(em US\$ milhões por toneladas)



Fonte: London Metal Exchange

As reservas brasileiras são abundantes em diversos tipos de substâncias minerais. Em função da extensão e da diversidade de seu território, o Brasil possui os maiores depósitos de nióbio e tantalita, além de deter participações relevantes nas reservas mundiais de outras substâncias, como por exemplo, grafita e manganês (2º), alumínio e vermiculita (3ª), magnesita (4ª) e ferro (5ª).

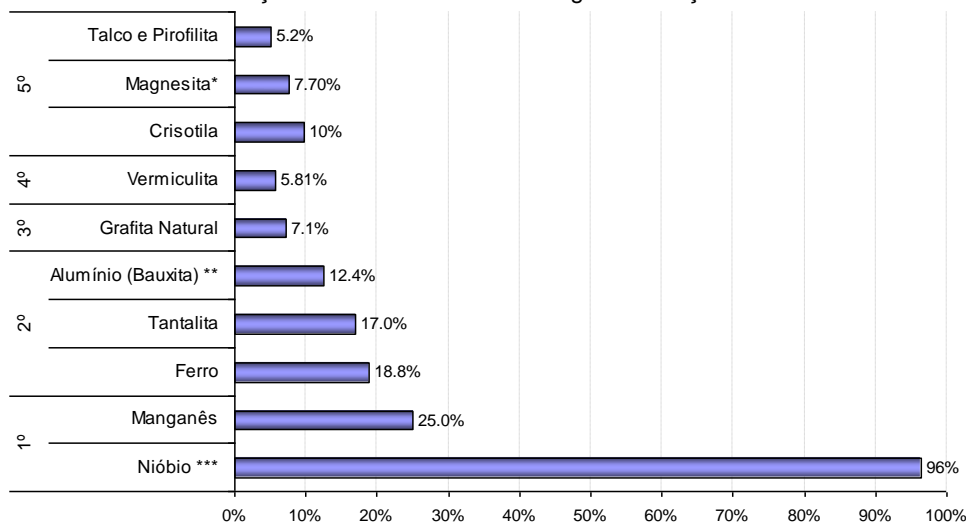
Gráfico 6 – Reservas Minerais: Brasil no Ranking das Reservas Mundiais - 2006



Fonte: DNPM / DIDEM; Mineral Commodities Summaries. Elaboração: DNPM / DIDEM. Para os dados referentes a cada substância, consultar as fontes no respectivo Sumário Mineral. Dados incluem reservas medidas e indicadas. Notas: (p) Dados preliminares; \* Reservas (medida e indicada) em MgO contido; \*\* Incluem reservas medidas, indicadas e inferidas.\*\*\*Dados referem-se a 2005.

Favorecida pelo cenário de crescimento da demanda mundial e pela manutenção dos preços das *commodities* minerais em patamares elevados, bem como pelo crescimento do consumo interno, a indústria Extrativa Mineral apresentou em 2006, de acordo com o IBGE, o maior crescimento dentre os subsetores da indústria: 6%. A extração de minério de ferro, com crescimento de 10,9% foi o destaque neste subsetor, embora a extração de petróleo e gás também tenha crescido 5,1% no ano. O minério de ferro, com 317,8 milhões de toneladas produzidas em 2006, concentra a maior parte da produção brasileira, favorecido pela situação de desequilíbrio entre oferta e demanda que ocorre no mundo, bem como pela baixa qualidade do minério de ferro da China, país que é atualmente, o maior consumidor do produto brasileiro. Entretanto, o Brasil produz quantidades relevantes em termos mundiais em diversas substâncias, como por exemplo, nióbio, manganês, tantalita, alumínio e amianto, entre outras.

Gráfico 7 – Produção Mineral: Brasil no Ranking da Produção Mundial - 2006 <sup>P</sup>



Fonte: DNPM / DIDEM; Mineral Commodities Summaries. Elaboração: DNPM / DIDEM. Para os dados referentes a cada substância, consultar as fontes no respectivo Sumário Mineral. Notas: (p) Dados preliminares; \* Inclui magnesita eletrofundida e calcinada; \*\* Produção de bauxita - base seca; \*\*\* Dados referentes a Nb2O5 contido no minério.

Tabela 1 – Produção Brasileira: substâncias selecionadas

Unidade: 10<sup>3</sup> t

	Substância	2005 <sup>(r)</sup>	2006 <sup>(p)</sup>	2006/2005 (%)
1	Aço Bruto <sup>1</sup>	31.610	30.910	-2%
2	Alumínio (Bauxita) <sup>2</sup>	22.034	22.055	0%
3	Areia	196.000	212.000	8%
4	Barita (minério)	43	48	12%
5	Bentonita	221	235	7%
6	Brita	135.000	146.000	8%
7	Calcário	10.745	11.571	8%
8	Carvão Mineral (Energético)	6.000	5.981	0%
9	Caulim	2.410	2.455	2%
10	Chumbo <sup>3</sup>	16	16	0%
11	Cimento	36.673	39.540	8%
12	Cobre <sup>3</sup>	133	148	11%
13	Crisotila (fibras)	236	227	-4%
14	Cromo (Cr <sub>2</sub> O <sub>3</sub> contido)	253	229	-9%
15	Enxofre	398	436	10%
16	Estanho <sup>3</sup>	12	10	-19%
17	Ferro	281.462	317.800	13%
18	Ferro-gusa	33.884	32.458	-4%
19	Fluorita	67	64	-4%
20	Fosfato (Concentrado)	5.631	5.801	3%
21	Gás Natural (10 <sup>6</sup> m <sup>3</sup> )	17.699	17.706	0%
22	Gipsita <sup>4</sup>	1.582	1.748	10%
23	Grafita Natural	76	76	1%
24	Magnesita <sup>5</sup>	387	324	-16%
25	Manganês	3.200	3.128	-2%
26	Nióbio <sup>6</sup>	56	69	23%
27	Níquel <sup>7</sup>	74	82	11%
28	Ouro (kg)	38.293	40.075	5%
29	Petróleo (10 <sup>6</sup> t)	89	85	-5%
30	Potássio (K <sub>2</sub> O)	405	403	0%
31	Quartzo Cristal <sup>8</sup>	344	302	-12%
32	Rochas Ornamentais e de Revestimento <sup>9</sup>	6.890	7.500	9%
33	Sal Gema	1.559	1.624	4%
34	Sal Marinho	5.520	5.122	-7%
35	Talco e Pirofilita	413	389	-6%
36	Vermiculita	28	30	7%
37	Zinco <sup>3</sup>	171	185	8%

Fontes: DNPM / DIDEM; Para os dados referentes a cada substância, consultar as fontes no respectivo Sumário Mineral. Notas: (r) revisado; (p) projetado; (1) Produção de aço bruto = aço em lingotes + produtos de lingotamento contínuo + aço para fundição; (2) Produção de bauxita - base seca; (3) Em metal contido no concentrado; (4) ROM; (5) Inclui magnesita eletrofundida e calcinada; (6) Dados em Nb2O5 contido no concentrado; (7) Refere-se ao Ni

contido no minério; (8) Estimativa feita com as quantidades minerais comercializadas; (9) Produção estimada pela ABIROCHAS.

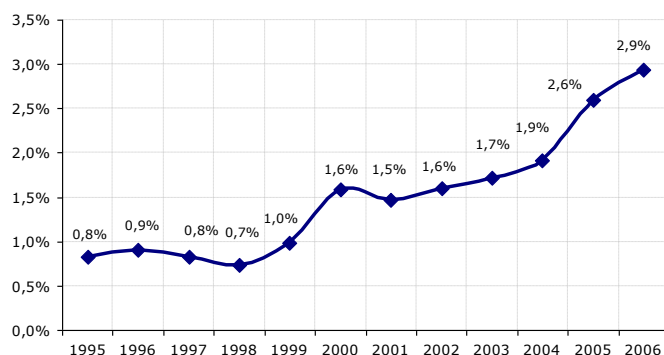
Na tabela abaixo é possível observar que, apesar do crescimento ocorrido no PIB da indústria extrativa em 2006, a utilização média da capacidade instalada diminuiu relativamente a 2005. As taxas de crescimento da indústria extrativa mineral nos últimos anos têm sido maiores que as taxas de crescimento do PIB brasileiro, o que, obviamente, resulta em participação crescente desta indústria no PIB.

Tabela 2 – Dados da Indústria Extrativa Mineral

Período	PIB - indústria - extrativa mineral - valor adicionado - preços básicos - var. real anual (% a.a.)	Utilização da capacidade - indústria - extrativa mineral - média - (%)	PIB - indústria - extrativa mineral - valor adicionado - preços básicos - R\$(milhões)
2000	9,09	94,38	16.271
2001	2,22	94,38	16.454
2002	11,58	94,90	20.419
2003	4,68	95,69	25.249
2004	4,29	95,06	31.997
2005	9,78	95,69	48.012
2006	5,95	93,89	58.689

Fonte : IPEA / IBGE/SCN 2000 Anual

Gráfico 8 - PIB Indústria Extrativa Mineral – Valor Adicionado Preços Básicos – (% PIB)



Fonte: IBGE. Elaboração: DIDEM / DNPM

No mercado financeiro, as ações de empresas cujas atividades estão relacionadas à mineração ou à siderurgia, obtiveram valorização expressiva, refletindo o bom momento atual e esperado, tendo em vista que o desempenho na bolsa é um indicador antecedente de comportamento. O desempenho das ações é influenciado, por exemplo, por expectativas acerca do crescimento global, anúncios quanto a mudanças na oferta e/ou demanda globais, variações nos preços dos metais e possível reversão do ciclo das *commodities*, fatores esses que podem causar forte volatilidade.

Tabela 3 - Valorização das empresas na Bovespa - 2006

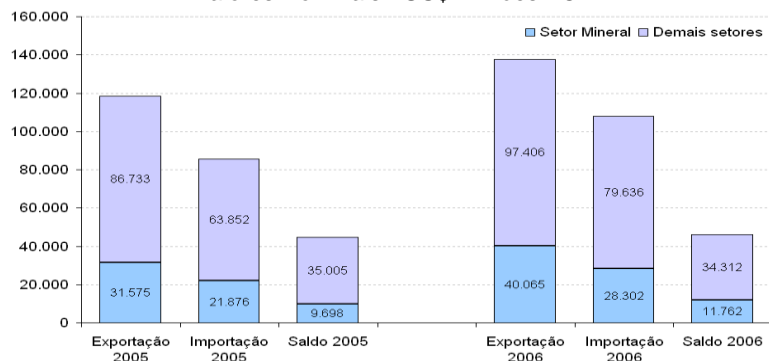
Empresa	Segmento	Ação	Retorno
CVRD	Minerais Metálicos	VALE5	32%
Confab	Ferro e Aço	CNFB4	64%
Gerdau	Siderurgia	GGBR4	39%
CSN	Siderurgia	CSNA3	45%
Usiminas	Siderurgia	USIM5	55%
Petrobras	Petróleo	PETR4	41%
Paranapanema	Cobre	PMAM4	60%
Magnesita	Materiais Diversos	MAGS5	30%

### Balança Comercial do Setor Mineral

O saldo balança comercial brasileira, de acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC atingiu US\$ 46.074 milhões FOB em 2006, o que representou uma variação de 3,07% em relação ao ano anterior. Em 2006, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 137.471 milhões FOB, 16% a mais do que em 2005. Já as importações atingiram o valor de US\$ 91.398 milhões FOB, crescendo 24% e superando o crescimento ocorrido nas exportações, em função principalmente, do aumento do investimento produtivo por meio de importação de bens de capital.

No que tange a balança comercial do setor mineral, os dados do MDIC indicam que o saldo comercial, que cresceu 21,28% em relação a 2005, atingiu US\$ 11.762 milhões FOB, contribuindo com 25,53% do saldo comercial brasileiro.

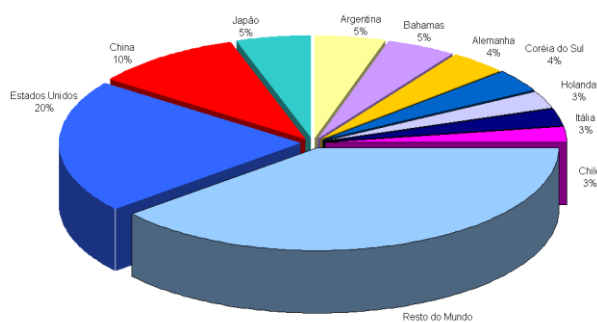
Gráfico 9 – Balança Comercial Brasileira: Setor Mineral e Demais Setores – 2005 e 2006  
Valores Nominais - US\$ Milhões FOB



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM

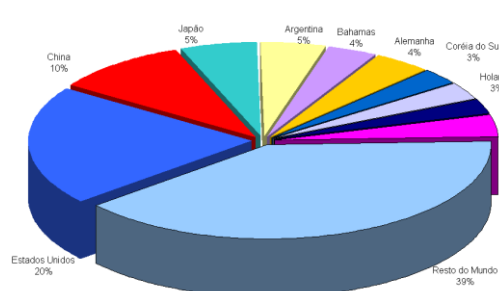
As exportações minerais foram equivalente a US\$ 40.065 milhões FOB. Como em 2005, os principais países consumidores dos produtos minerais brasileiros em 2006 foram, nesta ordem, Estados Unidos, China, Japão e Argentina. Juntos, tais países consumiram o equivalente a US\$ 16.461 milhões FOB em mercadorias, o que representou 41% do total exportado. Excluindo-se os produtos relacionados ao petróleo e seus derivados, verifica-se que as exportações minerais foram equivalentes a US\$ 29.731 milhões FOB. Neste caso, os bens primários tiveram participação mais relevante no total exportado, com 37%, atingindo US\$ 11.024 milhões FOB. Em seguida vieram os semimanufaturados (33%), os manufaturados (33%) e os compostos químicos (apenas 2%).

Gráfico 10 – Principais destinos das exportações minerais brasileiras – 2005. Inclusive Petróleo e Gás Natural<sup>1</sup>



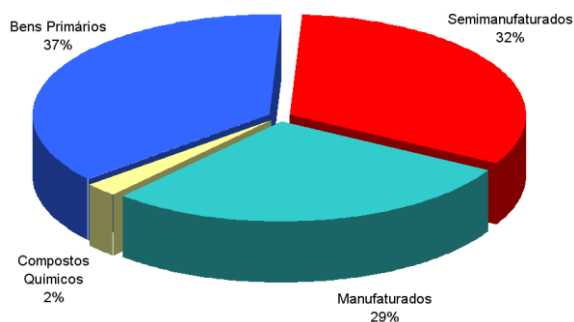
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM/DIDEM.  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Gráfico 11 – Principais destinos das exportações minerais brasileiras – 2006. Inclusive Petróleo e Gás Natural<sup>1</sup>



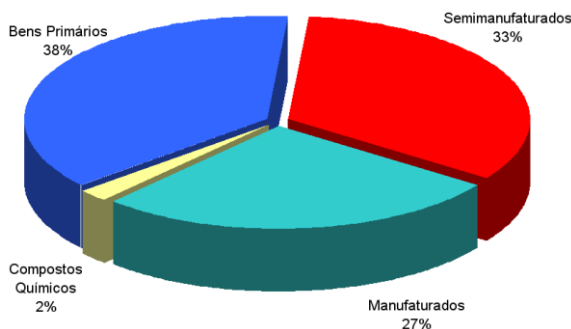
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM/DIDEM.  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Gráfico 12 – Exportações do Setor Mineral Brasileiro – 2005. Exclusive Petróleo e Gás Natural<sup>1</sup>



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM .  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Gráfico 13 – Exportações do Setor Mineral Brasileiro – 2006. Exclusive Petróleo e derivados<sup>1</sup>



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM .  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Os bens primários e semimanufaturados responderam por 70% total exportado, ou seja, US\$ 27,7 bilhões, ou US\$ 21 bilhões desconsiderando-se petróleo e derivados. Dentre os bens primários, o principal produto mineral da pauta de exportação foi o minério de ferro, cujo valor chegou a US\$ 8,3 bilhões FOB, cerca de 24% acima do total de 2005, o que significa 50% deste segmento. Quando se exclui petróleo e seus derivados, o ferro representa 81% dos bens minerais primários exportados. As exportações mais representativas de semimanufaturados são referentes aos produtos de ferro e aço e de alumínio, que juntos, com US\$ 7,3 bilhões, ou seja, 74% deste segmento.

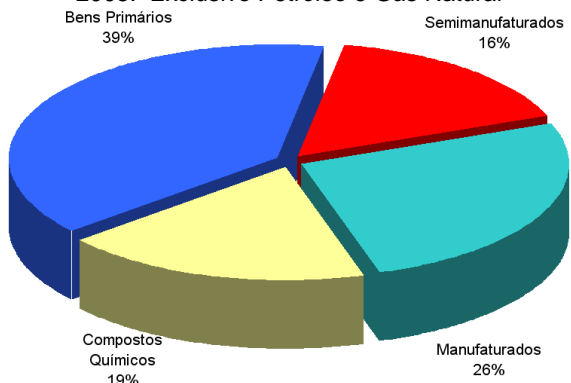


Em 2006 o Brasil importou US\$ 28,3 bilhões FOB em produtos do setor mineral, 29,37% acima de 2005. Os principais países de origem dos produtos adquiridos foram Nigéria (9,68%), Chile (5,82%) e Estados Unidos (5,81%). As importações de Chile e Nigéria cresceram 83% e 47%, respectivamente. Com comportamento contrário, os gastos com produtos da Argélia foram reduzidos em 30,03%.

Analisando-se as classes de produtos, verifica-se que os bens primários concentram a maior parte das importações minerais brasileiras, com US\$ 13,6 bilhões FOB e um crescimento de 20% sobre 2005. Os dispêndios com produtos manufaturados representaram 32,8% do total e foram iguais a US\$ 9,4 bilhões FOB, com considerável elevação em relação ao ano de 2005: 43%. Os produtos semimanufaturados apresentaram o melhor desempenho sobre o ano de 2005, tendo em vista que as importações cresceram em 71%, ou seja, atingiram US\$ 2,6 bilhões FOB, quando em 2005 o valor foi de US\$ 1,5 bilhão FOB. Os gastos com compostos químicos somaram US\$ 2,7 bilhões, o que representou 9,5% do total, o que também significa elevação de 10,25% sobre 2005. Do total importado, a maior parte (64%) refere-se a energéticos, 24% são metálicos e 12% são não metálicos.

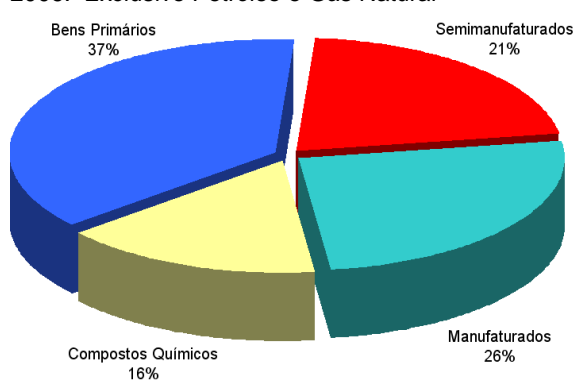
Dentre os bens primários, os produtos energéticos representaram 80% do total, ou seja US\$ 10,8 bilhões FOB, com um incremento de 16,28% sobre o verificado em 2005. Comparando-se as importações de 2006, relativamente a 2005, verifica-se que os produtos metálicos, os não-metálicos e os diamantes, cresceram respectivamente, 98,16%, 0,58% e 1,04%.

Gráfico 14 – Importações do Setor Mineral Brasileiro - 2005. Exclusive Petróleo e Gás Natural<sup>1</sup>



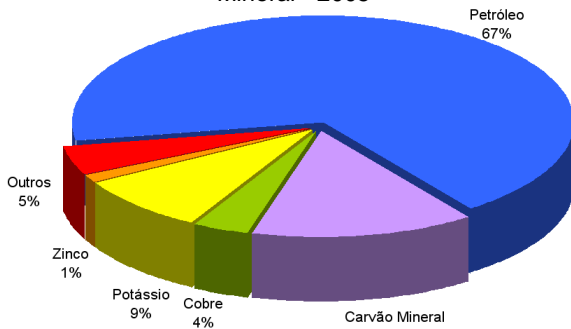
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM.  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Gráfico 15 – Importações do Setor Mineral Brasileiro - 2006. Exclusive Petróleo e Gás Natural<sup>1</sup>



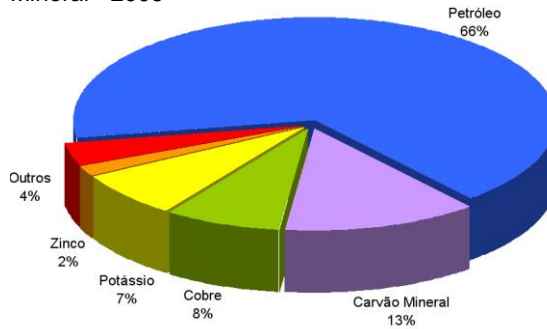
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM.  
Nota: <sup>1</sup> Estimativas DNPM/DIDEM.

Gráfico 16 – Importações de bens primários do Setor Mineral - 2005



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM

Gráfico 17 – Importações de bens primários do Setor Mineral - 2006



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: DNPM / DIDEM

## Índice de preços

O Índice de Preços no Atacado (IPA) é composto pelos preços de produtos agrícolas e industriais no atacado. Divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, o IPA participa com peso de 60% da composição do Índice Geral de Preços (IGP), o qual, por esse motivo, é bastante sensível à variação cambial, em função da representatividade das commodities na sua formação.



Em 2006, a variação do IPA foi de 4,3%. Os produtos industriais foram pressionados tanto pela indústria extrativa mineral quanto pela indústria de transformação: minerais não metálicos e metalurgia (que compreende ferro, aço e derivados e os metais não ferrosos). Verifica-se que o comportamento altista dos preços foi mais forte no segundo semestre do ano, especialmente em função do que ocorreu com a indústria extrativa mineral e com ferro, aço e derivados. No acumulado do ano, esses produtos foram valorizados em 10,8% e 2,2%, respectivamente. Os metais não ferrosos apresentaram maior valorização nos meses de abril a junho, fechando o ano com expressiva alta de 23% em relação a 2005. Os preços dos minerais não metálicos cresceram 3,47% no ano de 2006.

Observa-se então, que apesar do fortalecimento do real, os preços dos bens minerais no atacado têm apresentado comportamento convergente com a tendência altista das cotações das commodities no mercado internacional, pressionando os índices de preços.

Tabela 4 – Índice de Preços por Atacado (IPA) – Oferta Global  
Agosto/94 = Base 100

Período	IPA - Oferta Global		Indústria Extrativa Mineral		Minerais Não Metálicos		Ferro, Aço e Derivados		Metais Não Ferrosos	
	Índice*	Δ%	Índice*	Δ%	Índice*	Δ%	Índice*	Δ%	Índice*	Δ%
2005	349,18	-0,97	353,67	3,87	269,87	-2,54	462,05	-7,29	338,31	1,88
2006	364,17	4,29	391,85	10,80	279,23	3,47	472,21	2,20	416,45	23,10
1º SEM 2005	353,14	0,16	356,62	4,74	271,60	-1,91	501,66	0,66	329,76	-0,70
2º SEM 2005	349,18	-1,12	353,67	-0,83	269,87	-0,64	462,05	-7,90	338,31	2,59
1º SEM 2006	353,45	1,22	376,96	6,59	277,75	2,92	471,55	2,06	422,41	24,86
2º SEM 2006	364,17	3,03	391,85	3,95	279,23	0,53	472,21	0,14	416,45	-1,41
jan/06	351,99	0,81	358,65	1,41	272,15	0,84	458,99	-0,66	347,88	2,83
fev/06	351,56	-0,12	353,25	-1,51	272,14	0,00	458,55	-0,09	352,73	1,40
mar/06	348,70	-0,82	348,44	-1,36	272,79	0,24	455,00	-0,77	351,23	-0,43
abr/06	348,16	-0,15	349,44	0,28	275,46	0,98	458,67	0,81	364,18	3,69
mai/06	349,75	0,46	359,79	2,96	276,74	0,47	463,42	1,04	393,71	8,11
jun/06	353,45	1,06	376,96	4,77	277,75	0,36	471,55	1,75	422,41	7,29
jul/06	354,04	0,17	388,74	3,13	277,59	-0,06	473,50	0,42	403,74	-4,42
ago/06	355,93	0,53	391,96	0,83	278,69	0,40	474,25	0,16	408,47	1,17
set/06	356,92	0,28	385,89	-1,55	279,54	0,30	472,86	-0,29	407,80	-0,16
out/06	361,07	1,16	386,95	0,28	279,94	0,14	471,51	-0,29	409,07	0,31
nov/06	363,78	0,75	388,18	0,32	279,34	-0,21	471,21	-0,06	417,44	2,05
dez/06	364,17	0,11	391,85	0,94	279,23	-0,04	472,21	0,21	416,45	-0,24

Fonte: Conjuntura Econômica (FGV) apud in Ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br>). \* = Número índice: agosto de 1994 = 100; Δ% = variação em relação ao período imediatamente anterior.